

## GENOCÍDIO DO POVO NEGRO E BIOÉTICA: UMA QUESTÃO ANTROPOLÓGICA

### GENOCIDE OF THE BLACK PEOPLE AND BIOETHIC: AN ANTHROPOLOGICAL ISSUE

Ivo Pereira de Queiroz<sup>1</sup>  
Anor Sganzerla<sup>2</sup>

Recebido em: 07/2019  
Aprovado em: 09/2019

**Resumo:** Este estudo repercute a aflição frente à necropolítica dizimadora do povo negro brasileiro, atualmente em curso, onde mais de 75% das pessoas assassinadas no Brasil são negras. O movente factual da reflexão reverbera o fuzilamento de Evaldo Rosa, em 7 de abril de 2019, cujo automóvel foi alvejado por 62 tiros, dos 257 desferidos por militares do exército, na cidade do Rio de Janeiro e desencadeou uma onda de denúncias contra o genocídio do povo negro perpetrado pelo aparelho repressivo do estado brasileiro. Desarmado e conduzindo a própria família, a vítima fatal, um homem negro, foi alvo também do escárnio dos matadores. A argumentação traz à tona passagens das literaturas produzidas pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1925-1961), cuja obra espelha o engajamento do autor na luta anticolonial em favor da África libertada. Igualmente, o texto retoma o estadunidense Van Rensselaer Potter (1911-2001), bioquímico, pesquisador oncológico, considerado um dos fundadores da Bioética. O texto compara pressupostos antropológicos que presidiam às intervenções de cada pensador. Em Fanon, o enfrentamento do colonialismo nos anos de 1950 e 1960, e suas repercussões sobre as sociedades e o psiquismo das pessoas consistiu na matéria prima de suas atuações como psiquiatra, escritor e ativista político. Potter, sensibilizado pela docência e a vivência junto a pacientes oncológicos avaliou as condições de sobrevivência humana no planeta e perspectivou a necessidade de mudanças culturais sob pena de extinção da vida. Em que pese a inquietação de Fanon com a liberdade, em sua análise do colonialismo e da luta de libertação, considerou longamente a necessidade da violência e da morte; posteriormente, Potter, motivado pela sobrevivência, postulou o controle quantitativo da população. Frente a esse cenário, esta reflexão quer saber: *em que sentido a relação entre o genocídio do povo negro, no Brasil, e a bioética configura uma questão antropológica?* À luz deste questionamento, o artigo recupera o tema da antropologia filosófica, tecendo o perfil geral da disciplina assim como a sua importância para a ação humana. Em seguida, recolhe dos escritos de Fanon abordagens que permitem identificar a sua perspectiva antropológica. Adiante, faz-se o mesmo no tocante a passagens de Potter. Conclui-se que as reflexões antropológicas de Fanon assentam-se sobre a consciência e a tomada de consciência, pressupostos da liberdade e da responsabilidade. Por sua vez, Potter articula um humanismo discriminatório, premissa de graves repercussões.

**Palavras-chave:** Antropologia. Colonialismo. Genocídio. Liberdade. Sobrevivência.

**Abstract:** This scientific article addresses the affliction provoked by the necropolitics that currently decimates black people of Brazil, with a murder rate of 75% of the country's total count. This

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – NEABI. E-mail: [ivoaxe@gmail.com](mailto:ivoaxe@gmail.com)

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: [anor.sganzerla@gmail.com](mailto:anor.sganzerla@gmail.com)

reflection reverberates the shooting of Evaldo Rosa, in abril 7<sup>th</sup>, 2019, whose car was hit by 62 of 257 shots fired by army's military, in the city of Rio de Janeiro and unleashed a wave of complaints against the genocide of black people perpetrated by the Brazilian state. A disarmed black man that was driving his own family, the fatal victim was also target of derision by his murderers. The article's reasoning brings up literature's excerpts produced by the Martinican psychiatrist Frantz Fanon (1925-1961), whose work is engaged on the anticolonial fight in support of a free Africa. Likewise, the text also discusses the United-Statian Van Rensselaer Potter (1911-2001), a biochemist, oncological researcher, considered one of the founders of Bioethics. The article compares the anthropological assumptions of each author. In Fanon, the confrontation of colonialism of the 1950 and 1960 and its repercussions on societies and on people's psyche consists of the raw material of his activities as a psychiatrist, writer and political activist. Potter, sensitized by his teaching and his experience with cancer patients, evaluated the conditions of human survival on the planet and envisioned the need for cultural changes under penalty of life extinction. Fanon's uneasiness about freedom, in his analysis of colonialism and the liberation struggle, considered the need for violence and death; Potter, motivated by survival, postulated a quantitative control of the population. Given this scenario, the present reflection wants to know: *in what sense the relationship between the genocide of black people, in Brazil, and bioethics establish an anthropological question?* Regarding this questioning, the article recovers the subject of philosophical anthropology, weaving a general profile of the discipline as well as its importance for human action. Moreover, the article collects from Fanon's writings approaches that may identify his anthropological perspective. Furthermore, it does the same process regarding Potter's writings. In conclusion, Fanon's anthropological reflections lay in consciousness and the growing of awareness, liberty's preconditions and responsibility. In contrast, Potter articulates a discriminatory humanism, a premise with serious repercussions.

**Keywords:** Anthropology. Colonialism. Genocide. Freedom. Survival.

## Introdução

O escravismo brasileiro, espalhou-se por toda a extensão territorial nacional, tendo traficado e escravizado milhões de africanas/os entre os séculos XV e XIX. A paisagem populacional do país reflete este fato, pois, o Brasil atualmente é o país de maior população negra no planeta, sendo superado apenas pela Nigéria.

A resistência dos escravistas brasileiros fez o país ser o último do ocidente a extinguir a escravidão criminosa. A intervenção da gente africana escravizada edificou o Brasil por meio do trabalho e interfere diretamente na constituição da cultura do país, além de haver produzido gigantesco volume de riquezas que serviu, fundamentalmente, para garantir o enriquecimento e o fausto das nações escravistas da Europa, além da formação das oligarquias brasileiras.

O movente factual da presente reflexão reverbera o fuzilamento de Evaldo Rosa, cujo automóvel foi alvejado por 62 disparos, dos 257 desferidos por militares do exército, na cidade do Rio de Janeiro e desencadeou uma onda de denúncias contra o genocídio do povo negro perpetrado pelo aparelho repressivo do estado brasileiro. Desarmado e conduzindo a própria família, a vítima fatal, um homem negro, foi alvo também do escárnio dos matadores

(BARBON, 2019).

Durante quase quatro séculos de calvário do povo escravizado, houve, sim, a negação ontológica do negro, configurada a partir de aparatos legislativos, da manipulação ideológica e da repressão física. O sistema de dominação e exploração daquela força de trabalho produziu um violento déficit econômico e simbólico para as gerações de descendentes da gente africana escravizada. Com o fim do escravismo, não houve política de inclusão do negro brasileiro. Em lugar desta, consolidou-se o racismo estrutural, com estratégias de alienação social, política e econômica e políticas de erradicação da presença dos africanos.

A ontologia negativa do ser social do negro atinge patamares alarmantes quando se consideram as estatísticas relativas aos assassinatos de pessoas negras por todo o país:

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos. (IPEA, 2019, p.49).

Na segunda década dos anos 2000, reaparece a necessidade de retorno às indagações fundamentais em abrangência planetária. A conjuntura política e econômica repercute sobre todos os quadrantes da existência, desmanchando práticas consolidadas de sucesso no tocante aos direitos sociais da classe trabalhadora, em detrimento das condições de vida das populações por todo o planeta. Assim, retornam à pauta as preocupações acerca do destino dos seres humanos e do mundo. E não se trata ainda das questões sobre o sentido último da existência, em termos escatológicos, mas de mobilizações em torno do reles cotidiano. Na face superficial do dia a dia salta aos olhos a necessidade de se questionar sobre as implicações das mudanças legislativas de consequências deletérias em termos econômicos e sociais que atingem a sociedade como tsunamis devastadores de direitos, usos e costumes. Parece haver-se instalado no mundo fábricas de novos pobres, indigentes, famélicos, refugiados e desesperados por todos os cantos.

A sanha do capital fustiga também o meio ambiente com investidas à procura do lucro rápido e fácil. No cenário da economia mundial, o capitalismo segue fiel aos ditames da crescente busca de acumulação. Contraditoriamente, a acumulação de capital reduz os investimentos na produção e amplia os ataques aos direitos sociais – educação e saúde públicas e previdência social, etc. -, como forma de captação de recursos. As formulações de ordem

neoliberal, sob pretexto de garantir que o mercado regule as relações econômicas a partir da oferta e da procura, por outro lado, recrudescem os mecanismos intervencionistas e a economia segue dirigida, com autoridades prontas a transferir vultosos recursos públicos a fim de corrigir tragédias econômicas de natureza privada.

A orquestração dos destinos políticos e econômicos das nações vem apresentando autoridades estatais como maestros, regendo intérpretes e instrumentos de maldade, ressuscitando discursos, condutas e orientações políticas fortemente sintonizadas como o imaginário radical dos fascismos extremados. O panorama crescente de agressividade contra as pessoas e os direitos encontra no Brasil um caso paradigmático desta tendência. Autoridades governamentais brasileiras proclamam com jactância o desprezo e escárnio pelos direitos humanos. O espírito beligerante passa a ser propalado com a liberação de armas, a louvação da tortura e de torturadores, assim como o ataque predatório ao meio ambiente, em benefício de garimpos e formação de pastagens, dentre outros.

Os encaminhamentos necropolíticos do estado brasileiro animam as polícias que, gozando de blindagens silenciosas, produzem dezenas de cadáveres diariamente, sob o pretexto de cumprimento da lei e da punição de bandidos. Lideranças dos movimentos negros brasileiros denunciam o recrudescimento do genocídio da população negra, cujos números sobejamente conhecidos crescem diariamente.

Diante das instabilidades que se apresentam sob a forma de legalidade, mas, de caráter corrosivo do estado de direito, o presente estudo propõe-se um exercício de antropologia filosófica. Por isso, traz à tona reflexões do psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1925-1961), cuja obra espelha o engajamento do autor na luta anticolonial em favor da África libertada. Igualmente, o texto retoma o estadunidense Van Rensselaer Potter (1911-2001), bioquímico, pesquisador oncológico, considerado um dos fundadores da Bioética. A partir de escritos de cada um dos autores, este estudo problematiza: *em que sentido a relação entre o genocídio do povo negro, no Brasil, e a bioética configura uma questão antropológica?*

O trabalho consiste numa pesquisa bibliográfica com resultados derivados de análise dedutiva.

### **O papel da antropologia filosófica**

A antropologia filosófica é uma disciplina desenvolvida a partir da pergunta “o que é o homem?” (VAZ, 1991, p. 9) e articula narrativas sobre o ser humano e aquilo que a ele

concerne, “mito, literatura, ciência, filosofia, *ethos* e política” (VAZ, 1991, p.9). Intuições e evidências proporcionadas pela reflexão desenvolvida ao longo dos séculos deram vazão ao conjunto de opiniões e teorias que perfazem o atual corpo da antropologia filosófica. Desde o Egito da Negritude (Ondó) e, mais tarde, seus amigos gregos, o interesse em compreender o ser humano faz parte das inquietações intelectuais. Durante o período pré-socrático, houve um forte movimento do pensamento no mundo grego antigo, no qual o ser humano<sup>3</sup> foi alvo das considerações dos pensadores, especialmente durante o movimento sofístico (séc. V a.C.). Alcançado por tais circunstâncias, o ateniense Sócrates enriqueceu o debate com particular distinção, a ponto de ser considerado o fundador da antropologia filosófica, (VAZ, 1991, p.34).

Quando o espírito se detém a pensar sobre os seres humanos, reconhece-os como seres históricos instalados no espaço e no tempo, produzindo ações e relações em vista do atendimento das próprias necessidades vitais. Deste movimento histórico, cresceu a consciência da própria estrutura psicofísica da mulher e do homem e da diversidade humana, da própria condição enquanto seres políticos, articuladores da racionalidade, engajados na dinâmica da espacialidade e temporalidade. Desafiados a ser, em meio às imposições estruturais do movimento e da mudança, homens, mulheres e a diversidade humana experimentam o contraste entre a vitalidade e a finitude humanas, dentre outros.

Deveras, neste transcorrer da segunda década dos anos 2000, estes tempos soturnos de banalização do mal e da ausência de sentido, da profissionalização da mentira, da louvação da esperteza e do mau caráter acima de qualquer critério de eticidade em vista do bem comum, torna-se urgente o alerta Mondin sobre a importância e precedência do problema antropológico. Afirma:

Com efeito, a interrogativa ‘O homem, quem é ele?’ não se refere a qualquer fato, coisa, pessoa estranha ou afastada de nós, mas toca diretamente a nós mesmos, a todo nosso ser, a nossa origem e nosso destino. Frente a tantas outras interrogações, poderemos ficar indiferentes e deixar que outros se preocupem em achar a resposta conveniente. Ante a pergunta ‘O homem, quem é ele?’ não podemos adotar uma atitude de indiferença ou superficialidade, posto que o encaminhamento de nossa vida depende dessa solução, seja individual seja social, bem como nossa conduta, nossas relações com outrem e com o mundo (1980, p.5).

---

<sup>3</sup> A literatura tradicional articula suas considerações antropológicas referindo-se ao “homem”, para significar todos os gêneros. Alertados pelos estudos de gênero, que identificam resíduos patriarcais na expressão “o homem”, e que evidenciaram as complexas questões envolvidas na configuração social de gênero e da diversidade humana, optamos por nomear as reflexões antropológicas como concernentes ao “ser humano”, supondo que esta nomenclatura abranja a pluralidade de expressões dos modos de ser dos humanos na história.

A busca de respostas ao problema “o que é o homem?” levou as pessoas a racionalizar os dados captados junto à realidade. Do esforço empreendido, surgiam ideias sobre as mulheres e os homens e suas presenças no mundo, configurando narrativas que lhes permitiam dar algum sentido ao mundo e às apropriações das coisas mundanas, a si mesmos e às interações entre os indivíduos e grupos. A reflexão sobre o saber acumulado esgrimou com os “dois pólos da natureza e da cultura, cada um exercendo poderosa atração sobre os conceitos com os quais a Antropologia filosófica pretende explicar o homem” (VAZ, 1991, p.10). Immanuel Kant (1724-1804) propôs quatro famosas indagações que esquematizam a vocação própria da antropologia filosófica, sendo que a última delas contém as três anteriores. Com efeito, cada uma das questões faz parte da construção da identidade humana:

- *o que posso saber?* (teoria do conhecimento)
- *o que devo fazer?* (teoria do agir ético)
- *o que me é permitido esperar?* (filosofia da religião)
- *o que é o homem?* (Antropologia filosófica) (VAZ, 1991, p.9).

No entanto, em fins do séc. XVIII, o caráter especulativo que conduzia os passos da antropologia filosófica ocidental sofreu forte abalo com o advento das ciências do homem e das ciências biológicas orientadas ao conhecimento do ser humano. Com isso, instalou-se uma crise que levou a antropologia filosófica a passar por profunda redefinição dos pressupostos epistemológicos e metodológicos que a governavam, de modo a dialogar com os saberes emergentes a respeito do ser humano.

Lima Vaz retoma esta transição ocorrida no âmbito da antropologia filosófica ocidental e registra que as tensões se equilibraram com a coagulação das variadas tendências ao redor de dois eixos, o *culturalismo*, ao qual correspondem as ciências da cultura ou do espírito e o *naturalismo*, identificando as ciências da natureza. O autor assenta que:

A filosofia recebe de duas fontes principais seus dados e seus problemas: da experiência *natural*, que chamaremos de *pré-compreensão* e da *ciência*, que chamaremos de *compreensão explicativa*. No caso da Antropologia filosófica, tanto a experiência natural como a ciência voltam-se para o homem que é, a um só tempo, sujeito e objeto da interrogação filosófica. Parece oportuno, nessas páginas introdutórias, apresentar uma visão suficientemente ampla dos principais problemas filosóficos que surgem no campo das ciências do homem, seja daquelas que se organizam em torno do pólo *natureza* (ciências empírico-formais ou ciências naturais do homem), seja das que se organizam em torno dos pólos do *sujeito* e da *cultura* (ciências hermenêuticas) (VAZ, 1991, p.13).

Essas observações são úteis ao escopo deste trabalho porque permitem a localização de Fanon e Potter no âmbito do conhecimento, pois, tanto um quanto outro, articulou sua visão de homem e mundo, pensou e se posicionou acerca do papel do conhecimento e do intelectual transitando tanto pelo campo do naturalismo, quanto pelo do culturalismo.

Fanon recebeu forte influência do poeta Aimé Césaire (1913-2008). Formou-se em medicina, com especialização em psiquiatria (e psicanálise). Lia obras de Sartre, de quem era amigo pessoal e frequentou cursos de Merleau-Ponty. Entre suas atividades intelectuais, gozava de prestígio no movimento dos escritores negros. Portanto, trata-se de um pensador simultaneamente naturalista e culturalista.

O psiquiatra espanhol radicado na França, Francesc Tosquelles, diretor do hospital Saint-Alban, manteve estreita comunicação com Fanon durante os meses em que ele permaneceu como pesquisador naquela instituição e comentou o perfil epistêmico do curso de medicina de Lyon, onde Fanon estudara:

Fanon vinha como tantos outros de Lyon, da faculdade de medicina de Lyon. Caricatura, se a houvesse, do cartesianismo analítico, florescia sua eficácia sobre o objeto anátomo-fisiopatológico que funda a medicina em geral e se desmoronava em especializações sem fim nem medida. Lyon produzia (efetivamente em Paris, por favor, como corresponde) os “Manuais médico-cirúrgicos”, dos quais dois volumes estão dedicados à psiquiatria e à formação profissional de psiquiatras. Um capítulo por enfermidade. A ordem já conhecida: diagnóstico, prognóstico, tratamento. Bom para o diagnóstico. Admiração, nada surpreendente, frente às numerosas formas clínicas descritas, dezenas, de fato, centenas de páginas. Depois o resultado e a justificação pragmática de um mui louvável trabalho: o tratamento, preciso, claro. Assim era suscetível, esse tratamento, de resumir-se numa única linha. Que digo: uma linha? Uma palavra. Sem erro possível na prescrição. Sem sutilezas; nunca doses geradoras de erros lamentáveis. E assim, com todas as suas maiúsculas: TRATAMIENTO, INTERNAMENTO. (TOSQUELLES, 2017, p. 224-225)<sup>4</sup>. (Tradução própria).

A trajetória de Potter revela o forte acento naturalista, empírico-formal, de sua formação

---

<sup>4</sup> “Fanon venía como tantos otros de Lyon, de la facultad de medicina de Lyon. Caricatura, si la hubiera, del cartesianismo analítico, florecía su eficacia sobre el objeto anatómico-fisiopatológico que funda la medicina en general y se desmoronaba en especializaciones sin fin ni medida. Lyon producía (efectivamente en París, por favor, como corresponde) los “Manuales médico-quirúrgicos”, de los cuales dos volúmenes están dedicados a la psiquiatría y a la formación profesional de psiquiatras. Un capítulo por enfermedad. El orden ya conocido: diagnóstico, pronóstico, tratamiento. Bueno para el diagnóstico. Admiración, nada sorprendente, frente a las numerosas formas clínicas descritas, decenas, en efecto centenas de páginas. Después el resultado y la justificación pragmática de un muy loable trabajo: el tratamiento, preciso, claro. Así era susceptible, ese tratamiento, de resumirse en una sola línea. ¿Qué digo una línea? Una palabra. Sin error posible en la prescripción. Sin sutilezas; nunca dosis generadoras de errores lamentables. Y así, con todas sus mayúsculas: TRATAMIENTO, INTERNAMIENTO.”

e atuação. Tornou-se reconhecido pelos méritos alcançados no âmbito da bioquímica. Ao mesmo tempo, foi marcado pelo drama dos pacientes e familiares durante os longos anos de vivência no hospital oncológico. De sua escrita transparece a solidariedade e inquietação perante o sofrimento de doentes e familiares atormentados pelas perdas causadas pelo câncer. Ademais, é notável o intenso comprometimento com o processo educativo enquanto pesquisador e orientador de gerações de estudantes. Assim sendo, ele também se envolveu com o conhecimento empírico-formal associado a uma intensa vivência junto a pessoas de corpos debilitados e subjetividades feridas bem como de estudantes e pesquisadores em processos de busca e produção do conhecimento. E cumpre ressaltar que se referiu à educação religiosa que recebeu na família.

Como bem lembrou Raymundo do Carmo,

[...] na reflexão antropológica não podemos permanecer como observadores indiferentes, numa atitude de neutralidade. É impossível colocar aqui o problema do Homem sem que, ao mesmo tempo, o problema colocado seja problema *meu*. Por mais que procurem disfarçar, as ciências sempre falam do Homem como de um ‘ele’ ou seja em terceira pessoa. É isto justamente o que não pode fazer a antropologia filosófica: falar do homem em terceira pessoa ou as aparências enganam ou estamos diante de uma falsa antropologia (CARMO, 1975, p.17).

Conquanto Potter e Fanon tenham respondido à questão antropológica, fizeram-no durante os enfrentamentos cotidianos, nas lidas com as contingências. Foi a partir de lugares concretos de pensamento, audição e de fala que cada um deles se manifestou, conviveu, refletiu, trabalhou e construiu um legado. Diante das ações e das obras de cada um deles é que se retoma a interrogação milenar: que é o ser humano para Potter? Que é o ser humano para Fanon?

### **Concepção de humano em Frantz Fanon**

O filósofo Jean-Paul Sartre, foi um crítico feroz da colonização francesa na Argélia. Em suas manifestações, “avaliou que em 1850 o domínio dos colonos era de 11.500 hectares; em 1900, de 1.600.000; e em 1950, de 2.703.000 hectares. Assim, os nativos foram sendo expropriados e empurrados para as áreas mais improdutivas e desérticas do país” (YAZBEK, 2010, p. 18). A partir dessas constatações “Sartre sempre chamou [a Argélia] de terra roubada” (YAZBEK, 2010, p. 18). Foi justamente para esta Argélia ocupada que Fanon foi designado para chefiar a psiquiatria no hospital de Blida-Joinville, após o período de pesquisas no hospital Saint-Alban, na França, onde foi orientado pelo psiquiatra catalão Francesc Tosquelles. A partir

do relacionamento com argelinos e franceses, estudantes, professores, pacientes e colegas médicos e enfermeiros, e, mais tarde, com a gente da *Frente de Libertação Nacional* (FLN), dentre outros, Fanon tomou consciência da realidade do povo argelino. Instigado pelas percepções derivadas da realidade vivida, em suas intervenções revelou aspectos de sua concepção de humano, a antropologia subjacente às ações que praticou e aos compromissos e riscos que assumiu.

Na fase final do curso de medicina psiquiátrica, em Lyon, Fanon escreveu uma tese de doutoramento que foi recusada pela banca examinadora. Naquela obra, publicada mais tarde com o título de *Pele negra máscaras brancas*, o autor examinou o racismo e doenças por ele causadas na psiquê do povo negro da Martinica, sua terra de origem. Em uma passagem refletiu duramente a cultura racista e ressaltou o caráter inumano do racismo, apontando os danos antropológicos que a cultura racista causava às pessoas negras: “[...] o negro não é um homem. [...] O Negro é um homem negro [...] devido a uma série de aberrações afetivas, [o negro] se instalou no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo” (FANON, 2008, p. 26).

Em sintonia com a tipologia de Lima Vaz (1991) sobre as ciências, nota-se que Fanon recebera a formação científica empírico-formal, contudo, os textos que escreveu demonstram o forte vínculo com o culturalismo e as habilidades com as ciências hermenêuticas. Uma passagem do artigo *Racismo e cultura* evidencia este fato: “se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural” (FANON, 1980, p. 36).

Fanon identificou no colonialismo escravista a causalidade dos distúrbios emocionais e axiológicos que presenciou e reconheceu que

Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico. Todas as formas de exploração são idênticas, pois todas elas são aplicadas a um mesmo ‘objeto’: o homem. Ao considerar abstratamente a estrutura de uma ou outra exploração, *mascara-se o principal, que é repor o homem no seu lugar* (destaque nosso). O racismo colonial não difere dos outros racismos (FANON, 2008, p. 87).

O destaque na citação reafirma o compromisso antropológico de Fanon cuja percepção das relações sociais conturbadas não o desviam do reconhecimento do caráter ontológico do ser humano. Um ser humano dispensa adjetivo, seu valor é intrínseco. O valor do humano não é algo que se atribui, mas sim que se reconhece. Sua presença impõe-se por si mesma: sou uma

pessoa humana, sou um ser biográfico<sup>5</sup>, tenho direitos, quero o reconhecimento...

Em algumas passagens referiu-se à necessidade de se edificar um *novo humanismo*. Embora não tenha desenvolvido uma tese sobre este tema, voltou a mencioná-lo em *Os condenados da Terra*, seu último livro. Desta efervescência intelectual, infere-se a alta consideração que devotava ao sentido antropológico da existência. O outro tema, emergente já naquele primeiro trabalho foi o *colonialismo*, apresentado em diversas análises como a antítese de toda e qualquer antropologia válida. Fiel ao compromisso com o ser humano, identificou que este deveria ser também o fundamento do movimento revolucionário do qual participara:

Não basta apenas combater pela liberdade do seu povo. É preciso também, durante todo o tempo [...], reensinar a esse povo e em primeiro lugar, reensinar a si mesmo a dimensão do homem. É preciso percorrer os caminhos da história do homem condenado pelos homens e provocar, tornar possível, o encontro de seu povo e dos outros homens (FANON, 1979, p. 253).

Em seu afã de fomentar a dimensão do humano, Fanon compreendeu que o processo de libertação dos povos africanos dispensava hierarquias, pois a maior tarefa da nação libertada consistia em humanizar o povo:

A maior tarefa é compreender a todo momento o que se passa entre nós. Não devemos cultivar o excepcional, procurar o herói, outra forma de líder. Devemos erguer o povo, engrandecer o cérebro do povo, enriquecê-lo, diferenciá-lo, torná-lo humano (FANON, 1979, p. 161).

Inquieto diante das injustiças perpetradas pelos franceses contra o povo argelino, Fanon tomou consciência da insustentabilidade do colonialismo francês frente ao povo massacrado e registrou seu desapontamento:

O estatuto da Argélia? Uma desumanização sistematizada. Ora, a aposta absurda era querer, custasse o que custasse fazer existir certos valores quando o não-direito, desigualdade, o assassinio multiquotidiano do homem eram erigidos em princípios legislativos (FANON, 1980, p. 58).

A violência colonial emergia como antítese do fundamento necessário à edificação da sociedade de autêntico humanismo. Sensibilizado, Fanon apontou que

---

<sup>5</sup> “Um ser biográfico”: expressão repetida frequentemente durante as aulas ministradas no curso de Mestrado em Bioética, da PUCPR, pelo Prof. Dr. José Eduardo Siqueira, ressaltando a honra, respeito e reconhecimento devidos a paciente acometido/a de graves perdas motoras e de consciência.

O problema teórico importante é que é preciso a todo instante e em todo lugar explicitar, desmistificar, enxotar o insulto ao homem que é senhor de si. Não basta esperar que a nação produza novos homens. Não basta esperar que em perpétua renovação revolucionária os homens insensivelmente se transformem. É bem verdade que esses dois processos importam, mas é necessário auxiliar a consciência (FANON, 1979, p. 262).

Fanon conduziu sua práxis sob o princípio do reconhecimento e respeito ontológico ao ser humano. O humano tornou-se a referência das críticas, rupturas, alianças e diretrizes que sugeriu como propiciadoras do bem viver na sociedade africana libertada.

### **O ser humano em Potter**

Os títulos das obras de Potter sobre bioética sugerem um crescente interesse do autor por enfoques que transcendem ao mecanicismo com que se identificou durante a maior parte de sua carreira científica: *Ciência da sobrevivência* (1970); *Ponte para o futuro* (1971); *Bioética global* (1988) e *Bioética profunda e global* (1998). Como se pode supor, à medida que o tempo transcorria o autor reinterpretava os temas e passa a reconfigurar seus discursos, afastando-se da ortodoxia mecanicista e acolhendo perspectivas oriundas de outras epistemes.

Com efeito, os fundamentos da ciência mecanicista abasteceram as argumentações de Potter no âmbito bioquímico, durante os longos anos de pesquisa hospitalar para o combate ao câncer e, também, quando se aventurou a opinar sobre o ser humano e os valores. Prova disso se encontra na obra de 1970, onde se lê “o homem como máquina cibernética [...]” (POTTER, 2016, p. 37). Ora, a tipificação do ser humano como máquina cibernética evoca debates milenares acerca da matéria e do pensamento, do movimento e da mudança e da busca da regularidade para efeito do conhecimento. Nos termos de Wiener, tido como um dos pais da cibernética,

(...) Em primeiro lugar, o ponto de vista estatístico que foi posto em evidência pela Cibernética e pelas minhas primeiras pesquisas força-nos a adotar uma nova atitude diante da ordem e da regularidade. A perfeita informação não tem nada que possa ser medido, e justamente por isso nenhuma informação obtida por medição pode ser perfeita. Se podemos comparar graus de causalidade, isso só é possível porque o Universo não é uma estrutura perfeitamente firme, mas uma estrutura na qual são possíveis pequenas variações em diferentes setores. (WIENER, apud: SALLES, 2007, p. 1).

A antropologia mecanicista foi manifestada por Potter nos seguintes termos:

a fim de entender o propósito, como visto por Teilhard, proponho descrever o ser humano como uma máquina cibernética de processar informação, de tomar decisão, cujos sistemas de valores são construídos por processos de resposta de seu ambiente (POTTER, 2016, p. 20-21).

Os aportes antropológicos iniciais de Potter surgiam matizados pelas epistemes mecanicistas, porém, o autor abriu-se ao diálogo com outras tradições, passando a considerar o ser humano a partir de distintos referenciais, com destaque das contribuições dos movimentos ecológico e feminista, o reconhecimento dos valores da espiritualidade e da religiosidade, a compaixão, entre outros.

Potter revelou-se um cientista de fortes convicções e responsabilidade social. Considerando-se que o humanismo foi também “um movimento de confiança na razão e no espírito crítico” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, s.p., cf. o verbete *humanismo*), Potter fez parte desta orientação intelectual. Era um humanista. Sua experiência consistiu no forte investimento na qualificação científica de si próprio e de quantos buscaram o seu auxílio. Seus escritos evidenciam um caráter dialogal e um olhar acolhedor de estudiosos de outras áreas de conhecimento. No entanto, preservou as ciências biológicas como o porto seguro das análises e proposições bioéticas que produziu. Com efeito, a responsabilidade social de Potter o conduziu à elaboração e reelaborações da bioética, tendo em vista a sensibilização de pessoas e instituições para o investimento em ações e diretrizes que modifiquem os padrões culturais vigentes, em favor da sobrevivência.

Ora, em que pese o empenho na construção do futuro, as elaborações antropológicas de Potter soam discretas. Num primeiro momento, argumentou que o ser humano seria uma máquina cibernética, produtora de valores cibernéticos. Noutro momento, em passagens da *Bioética global*, mencionou aspectos antropológicos. Contudo, toda e qualquer ação ou não-ação de uma pessoa explicitam, necessariamente, sua resposta ao problema *o que é o ser humano para mim?* Assim, as intuições e orientações bioéticas de Potter contêm implicitamente elementos da resposta a este problema, justificando alguns questionamentos sobre o pensamento do autor.

Haveria algum resíduo malthusiano nas postulações onde sugere que nem todo vivente deve viver, a bem de quem deveria sobreviver? Enfim, ele defende a sobrevivência de vidas úteis? Deveras, a utilidade aparece como critério de verdade na tradição pragmatista, para a qual o que é útil é verdadeiro. Neste sentido, encontramos em Potter um humanismo

pragmático, seletivo? Se aproximarmos as opiniões de Potter das teses da racionalidade que Horkheimer registrou em *Eclipse da razão*, estaríamos diante de um humanismo subjetivo? Escreve Potter:

O problema é basicamente decidir entre se prender ao preceito de ‘santidade da vida’ a todo custo ou levantar a questão da ‘qualidade de vida’ ou ‘vida significativa’. A tecnologia médica alcançou milagres; no entanto, em muitos casos, a vitória foi o impedimento da morte, mas não a restauração da saúde. Em outras palavras, as novas tecnologias com frequência levam a decisões em que a manutenção da vida se sobrepôs à restauração de uma existência significativa (POTTER, 2018, p.43).

A preocupação que a citação expressa diz respeito a um tema extremamente grave, afinal, se trata de considerar que nem toda vida humana deva ser preservada, embora a sociedade disponha de conhecimentos e tecnologias capazes de alongar a sobrevivência de pacientes sob cuidados paliativos. Por outro lado, o simples sobreviver torna-se problemático aos olhos de Potter, por isso, desenvolveu uma tipologia da sobrevivência, nomeando-a de: *mera sobrevivência, sobrevivência precária, sobrevivência idealista, sobrevivência irresponsável e sobrevivência aceitável* (POTTER, 2018, p.72-81).

Ao propor a busca por “um equilíbrio entre a qualidade de vida com a santidade de vida nas intervenções médicas” (POTTER, 2018, p. 68) Potter parece pretender orientar os médicos ao entendimento de que a vida não pode ser pensada unicamente a partir da clássica e histórica concepção de santidade vida, mas sim também pela qualidade dessa vida. Embora se possa perceber em Potter alguma preocupação com a qualidade de vida das pessoas, sua posição é bastante contestável, porque não se trata de uma escolha do paciente, um direito ou um pedido a ser realizado, a exemplo do direito de morrer, mas sim de escolha vinda de fora, de outra pessoa, e, desse modo, imposta ao doente.

Além dessa preocupação com a qualidade da sobrevivência das pessoas doentes, Potter aborda as inquietantes circunstâncias envolvendo o controle da fertilidade humana, pois, considerava que o crescimento da população mundial representava uma grave ameaça à sobrevivência. Levantou o tema da gravidez de adolescentes e o espinhoso dilema ético da promoção de aborto para este segmento da população. Potter enfrenta os também dolorosos dilemas “no caso de recém-nascidos com deficiências” (POTTER, 2018, p.122). Discutiu, com riqueza de detalhes os transplantes e os intrincados problemas éticos pertinentes a tais práticas, a exemplo do caso de bebê com malformação cerebral que poderia ser mantido vivo até que aparecessem candidatos a receber seus órgãos saudáveis (POTTER, 2018, p.131).

Embora se possa discordar das posições de Potter, não se pode deixar de reconhecer sua ousadia em enfrentar essas questões, bem como sua convicção, de que o maior problema humano é a superpopulação. Essa convicção Potter manifestou-a ao escolher a placa de seu carro. Optou pela combinação das letras Yes ZPG (*zero population growth*), ou seja, “sim, crescimento populacional zero”.

### Considerações Finais

As concepções de ser humano que emergem das páginas de Fanon e Potter trazem à tona dois intelectuais fortemente marcados pelo imaginário do esclarecimento. A confiança na razão e na competência de conhecer a natureza para direcioná-la aos interesses humanos. Contudo, quando a razão é reduzida aos limites dos meios e fins e sua intervenção passa a ser confinada ao território da instrumentalidade, perde-se a conexão do humanismo necessário e o anti-humanismo comparece à cena. A razão convertida em des-razão nega radicalmente o estatuto do humanismo e o esclarecimento opera como mito... (Horkheimer; Adorno, 1985).

Potter praticou uma *Antropologia do mal menor*, se se considerar que seus discursos apresentam fortes marcas do utilitarismo ético. Com efeito, as análises de Potter focalizaram a ameaça da sobrevivência humana e da biosfera. Para ele, o principal fator da tragédia evitável é a superpopulação.

Assentado sobre pressupostos malthusianos, interpretou a realidade. O problema é grande e grave, por isso, exige medidas radicais. Afirma que “o problema da população é uma bomba-relógio, que está atualmente funcionando e fora do controle” (POTTER, 2018, p. 65), por isso, enfatizou a urgente necessidade de redução da população mundial. A quantidade de humanos existentes já ultrapassou, segundo Potter, as condições suportáveis de vida no planeta, por isso, é preciso encontrar mecanismos de controle de natalidade.

Potter pensa nesses mecanismos de controle de forma progressiva: alguns irão aderir por tomar consciência do problema; a outros deve ser imposta uma reprodução controlada utilizando-se até mesmo de recompensas econômicas; deve-se também adotar uma política pública de distribuição gratuita de preservativos; e, por fim, e a mais emblemática, a recomendação de medidas abortivas como política pública de controle de natalidade.

Potter levantou casos de pessoas com saúde precária, desde diagnósticos pré-natais, passando por recém-nascidos com quadros graves e outras perdas. O levantamento de quadros considerados problemáticos, embora, não tenha sido conclusivo acerca de soluções extremas,

evidenciam que o autor os percebia como incômodos racionalizáveis à luz da sobrevivência humana e da biosfera. Embora não tivesse argumentado a favor da morte de pacientes especiais, considerou que a sociedade tem isto como problema a resolver.

Desde a contratação para trabalhar no Hospital de Blida – Joinvile, na Argélia, Fanon, escreveu livros e artigos nos quais deixou transparecer que aprendia cotidianamente com as pessoas, particularmente, quando envolvidas na luta de libertação.

Fanon também identificou ameaças radicais à consolidação da liberdade dos africanos. Assim como Potter argumentou que a superpopulação ameaça a sobrevivência, concluiu que os colonizadores renitentes, que não abrem mão dos projetos de conquista, exploração e exercício da violência, são obstáculos à realização da nação emancipada, como bem destaca em seu último livro *Os Condenados da Terra* (1979). Argumentou, dentre outros, que a descolonização é um processo violento e se trata de um enfrentamento pelo qual os últimos passam a ser os primeiros. A luta anticolonial significa também o exercício da violência física contra os colonizadores.

Portanto, temos dois pensadores que lançam mão da violência como meio de obtenção de algum bem: Fanon, justificou a morte de colonizadores cujos projetos e ações impediam a liberdade da nação colonizada. Esta política estriba-se na intransigência do colonizador que não reconhece o indígena colonizado como ser humano pleno. Portanto, o colonizador é visto como o produtor da violência do colonizado.

Potter, mais recentemente, enxergou que a sobrevivência humana e da biosfera são possíveis desde que medidas sejam tomadas e a população seja reduzida. Neste caso, o cidadão comum é visto como ameaça ao futuro, assim sendo, sem um aprofundamento antropológico consistente, as premissas potterianas podem resvalar para necropolíticas antropológicamente desastrosas.

No tocante ao genocídio do povo negro no Brasil, trata-se de uma negação ontológica secular, materializando um extermínio antropológico. As posições antropológicas de Fanon, cotejadas com o genocídio do povo negro no Brasil, fornecem à resistência negra um suporte vigoroso, podendo ser tomadas como a reafirmação de seu estatuto ontológico e antropológico, uma senda de construção da liberdade, do humanismo necessário. Porém, as restrições antropológicas do mecanicismo malthusiano de Potter, propagador do *humanismo discriminatório*, assentado no utilitarismo, por sua vez, intraquilizam. Deveras, o autor encontra um grande bem no mal menor, por isso, geram desconfiança... Assim como o argelino colonizado reagia, desconfiado, também o negro ameaçado se retrai. Fanon descreveu os

motivos que levavam os colonizados africanos a desconfiar dos discursos dos colonos europeus. A crítica revolucionária destravou as amarras do discernimento dos africanos colonizados: “E justamente, no instante mesmo em que descobre sua humanidade, começa a polir as armas para fazê-la triunfar.” (FANON, 1979, p.32). As restrições elencadas por Potter diante da ameaça à sobrevivência assombram à consciência negra, cuja humanidade, até aqui, segue etiquetada como inválida e exterminável.

O genocídio do povo negro e a bioética perfazem uma questão antropológica. O negro reivindica o reconhecimento (FANON, 2008), mas o *humanismo discriminatório* da bioética potteriana aprofunda a alienação. Por isso, as percepções de Fanon e Potter levantadas neste artigo reafirmam a abrangência, atualidade, e importância da reflexão sobre a questão antropológica, pois a prevalência do crescente imaginário necropolítico, como marola na beira da praia, segue apagando as pegadas do sentido radical do ser humano e do mundo...

### Referências Bibliográficas

BARBON, Julia. '**Calma, amor, é o Exército**', disse ao ouvir tiros viúva de músico fuzilado no Rio. In: Folha de S. Paulo, 21.mai.2019 às 20h36. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/calma-amor-e-o-exercito-disse-ao-ouvir-tiros-viuv-a-de-musico-fuzilado-no-rio.shtml>. Acesso em 15set2019.

CARMO, Raymundo Evangelista do. **Antropologia Filosófica Geral**. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Lutador, 1975.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Porto: Paisagem, 1975.

\_\_\_\_\_. **Sociología de una revolución**. 3. ed. Traducción de Víctor Flores. México 13, D.F.: Ediciones Era, 1976.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. 2. ed. Tradução de José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **L'An V de la révolution algérienne**. Paris: La Découverte, 2001. ([Re]découverte. Documents et témoignages).

\_\_\_\_\_. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salva-dor: EDUFBA, 2008.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

IPEA. **Atlas da violência 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada;

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em 15set 2019.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: [http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf). Acesso em 08set2019.

MONDIN, Battista. **O homem: quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. 7.ed. Tradução de R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. Revisão de Danilo Morales. São Paulo: Paulinas, 1980.

ONDÓ, Eugene Nkogo. **Síntesis sistemática de la filosofía africana**. Barcelona, Esp: Ediciones Carena, 2006.

PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor; ZANELLA, Diego Carlos (orgs.). **Van Rensselaer Potter: um bioeticista original**. São Paulo: Loyola, 2018.

POTTER, Van Rensselaer. **Bioética: ponte para o future**. Tradução Diego Carlos Zanella. São Paulo: Loyola, 2016.

POTTER, Van Rensselaer. **Bioética global: construindo a partir do legado de Leopold / Van Rensselaer Potter**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2018.

SALLES, Fernando Ricardo. **A relevância da cibernética: aspectos da contribuição filosófica de Norbert Wiener**. Disponível em: [http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2007\\_mes/MES\\_2007\\_FernandoSalles.pdf](http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2007_mes/MES_2007_FernandoSalles.pdf). Dissertação de Mestrado em Filosofia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 1, 2007. Acesso em 08set2019.

TOSQUELLES, Francesc. **Frantz Fanon en Saint-Alban (1975)**. Disponível em: *Teoría y Crítica de la Psicología* 9 (2017), 223-229. <http://www.teocripsi.com/ojs/> (ISSN: 2116-3480). Acesso em 10set2019.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica I**. 3.ed. corrigida. São Paulo: Loyola, 1991.

YASBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665//> <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>